

AS ADJETIVAÇÕES CORPORAIS SOB A LUZ DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

BRUNO SOUZA PRESTES DA SILVA (AUTOR)
KEILA ASSIS GONÇALVES (CO-AUTOR)
VALÉRIA NASCIMENTO LEBEIS PIRES (ORIENTADOR)
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA – RJ, BRASIL
BRUNOP.UFRRJ@GMAIL.COM

APRESENTAÇÃO

Atualmente, torna-se importante integrar e desmistificar a dicotomia corpo-mente que, por vezes, se incorpora inconscientemente nas nossas práticas sociais. Importa considerar que a prática individual é frequentemente refletida no âmbito social, ou seja, no coletivo, podendo tornar a qualificação social do corpo de forma superficial e/ou inadequada no que diz respeito as suas definições e funcionalidades. Levando-nos ao seguinte questionamento: o corpo esta sendo entendido de forma individual ou social? Sendo a primeira, caracterizada pelo domínio próprio, considerando as necessidades pessoais e a segunda, pela obediência a um conjunto de normas de comportamentos pré-estabelecidos socialmente?

Portanto, este trabalho justifica-se pela valorização da construção da auto-imagem da criança e promoção da compreensão e interpretação de seu próprio corpo.

Contudo, o presente estudo se caracteriza como qualitativo, objetivando investigar e comparar as adjetivações corporais entre alunas e alunos, através dos relatos sobre definições e funcionalidades do próprio corpo. Foram analisados os relatos de 54 crianças de ambos os sexos, que responderam dois questionamentos elaborados pelos autores. Tais questionamentos eram: ‘o que você acha do seu corpo?’ e ‘para que serve o seu corpo?’. As crianças participantes da pesquisa são alunos do quarto e do quinto ano, do primeiro segmento do ensino fundamental, do Centro de Atendimento Integral à Criança (CAIC), localizado em Seropédica, estado do Rio de Janeiro-RJ.

Espera-se com esse estudo contribuir com os profissionais da área de educação, mais especificamente com professores de educação física em favor de compreender condutas, detectar atitudes/relatos preconceituosas que podem ser disseminadas, naturalizadas e logo se tornarem senso comum.

INTRODUÇÃO

O corpo durante os anos se defrontou com diversas significações até chegarmos aos tempos atuais. Na sociedade grega ele era considerado a integração do físico com o abstrato, ou seja, do corpo no seu sentido material com a essência inerente a cada individuo, sendo percebido como uma unidade. A doença era percebida como pertencente ao ser humano, portanto ela estaria inteiramente nele, porém, não manifestada enquanto existia um equilíbrio entre instâncias psíquicas e físicas (SILVA, 2001).

Um conceito fundamental para entendermos o corpo que se insere na sociedade é o de imagem corporal. Tavares (2003) afirma que, imagem corporal é “o quadro formado pelas imagens ou representações mentais do corpo que se apresentam ao individuo no contexto de sua vida” (p.131). A partir desse conceito observamos o caráter dinâmico de seu significado, já que a percepção do nosso corpo pode variar de acordo com aspectos emocionais, psicológicos, neurológicos, sociais, entre outros, estabelecendo assim um caráter relacional entre esses agentes. “A imagem corporal vai se desenvolvendo como, um produto da relação do indivíduo consigo mesmo e com os outros” (CAMPAGNA E SOUZA, 2006, p.11).

Esse contexto, sociocultural é considerado fundamental no processo de formação da auto-imagem, agindo inclusive em favor de uma construção corporal calcada nas diferenças sexuais. Souza e Altmann (1999) afirmam que:

O processo de educação de homens e mulheres supõe uma construção social e corporal dos sujeitos, o que implica – no

processo ensino/aprendizagem de valores – conhecimentos, posturas e movimentos corporais considerados masculinos e femininos (p.54).

Considerando as referências supracitadas, infere-se que ser homem ou ser mulher está ligado diretamente com padrões culturais determinados socialmente e que a partir desse conceito, estereótipos são constantemente construídos e assimilados ao senso comum. Somado a isto, a construção da imagem corporal carrega uma influencia significativa dos aspectos sócio-culturais.

A IMAGEM CORPORAL PERCEBIDA ENTRE OS GÊNEROS

Constantemente nos referimos ao nosso corpo como se estivéssemos falando de uma máquina, que tem o simples objetivo de nos servir, negando aspectos cognitivos dos nossos movimentos.

A apresentação do corpo como uma máquina, traduzida em seu funcionamento pelas leis da mecânica newtoniana, é uma idéia clássica de Descartes presente em varias de suas obras[...]. Tal concepção do corpo que independe de qualquer noção de essência e associado estritamente a sua materialidade predomina durante longo tempo[...]. Assim, sendo o corpo humano uma máquina, mas 'natural. (SILVA, 2001, p.25)

Os primeiros estudos sobre imagem corporal se deram no inicio do sec. XVI com um médico Francês chamado Ambroise Paré. Ele descobriu a existência do membro fantasma que se caracteriza “como a alucinação de que um membro ausente estaria presente” (BARROS, 2005, p.549), porem, o termo ‘imagem corporal’ ainda não era utilizado.

Algun tempo depois, um neurologista chamado Henry Head que ao “investigar os distúrbios na percepção corporal dos pacientes com lesões corporais” (STREY & PAIM, 2005, p.1) criou o conceito de esquema corporal que se caracterizava pela percepção neurológica do corpo. Esse contexto demarcou uma significação baseada em aspectos biológicos do conceito de imagem corporal. Essa concepção perdurou durante algum tempo.

Outro fator que possivelmente contribuiu com essa interpretação biológica do corpo, foram processos históricos que associam o corpo à materialidade humana, principalmente com a ascensão do império estóico na sociedade grega, que marcadamente dissolveu certas ideologias gregas afim de, sustentar um novo modelo político-econômico (SILVA, 2001).

Contudo, o estudioso que teve maior importância para fundamentar conhecimentos sobre imagem corporal foi Paul Schilder. Seu estudo foi responsável por uma abordagem mais integralizada de imagem corporal, levando em consideração outros fatores além do neurológico, contrariando os conhecimentos da época que orientavam um entender biológico sobre o corpo. Sua contribuição foi inovadora e representou um marco nos estudos de corporeidade, introduzindo variáveis que, até então, eram inexistentes na concepção analítica do corpo, como aspectos emocionais, psicológicos, sociais (TAVARES, 2003).

Com esse entendimento, observa-se um retorno aos ideais gregos, que interpretavam o corpo de forma sistêmica de representação do individuo, corpo esse que apresentava uma essencialidade (SILVA, 2001). Essa essência, hoje, é reinterpretada como uma excitação interna, ou seja, uma pulsão que é singular e individual. Como confirma Tavares (2003), “a imagem corporal possui um eixo pulsional que sustenta de modo existencial a individualidade” (p.16).

O meio ambiente e a cultura são aspectos que também se relacionam diretamente com a interpretação do nosso corpo, ou seja, dependendo de como as relações sociais se entrelaçam, podemos ter uma concepção corporal de valorização ou depreciação.

A partir dessa afirmação podemos notar que existe uma manutenção periódica da nossa percepção corporal, tendo em vista que, a relação do individuo com o ambiente é freqüentemente modificada. Isso ocorre já que somos regidos por um conjunto de normas

criado por artefatos sociais que automaticamente definem padrões corporais socialmente aceitos, como confirma Matos e Lopes (2008):

A importância desses artefatos está na sua função de 'conformar' os sujeitos, moldando-os de acordo com as normas sociais. Assim, esses artefatos contêm pedagogias culturais, pois são formas de ensinar através das quais significados sociais são construídos e reproduzidos (p. 61).

Um fator importante na estruturação de uma auto percepção corporal são as relações de gênero estabelecidas, já que indiscutivelmente, homens e mulheres ocupam lugares e funções sociais diferenciadas por sexo.

Constatamos que papéis masculinos e femininos são bem determinados e distintos. A nível de comportamentos, temos por exemplo, que a mulher habitualmente realiza as tarefas domésticas, o homem não[...]; a nível das reações emocionais, espera-se que a mulher chore, o homem não; que o homem seja frio e corajoso, a mulher emotiva e insegura. A nível de atitudes, a mulher deve manter uma postura social receptiva e submissa diante da agressão e o domínio masculino. (GRACIANO, 1978, p.29)

Tal como já foi referido, as relações culturais estabelecidas entre os indivíduos e a sociedade são fundamentais no alicerce das interpretações corporais.

Observamos que historicamente homens e mulheres possuem tratamentos diferenciados e que os conhecimentos da civilização ocidental exaltam a subalternidade feminina assim como a sobreposição da mente em relação ao corpo. (CATHARINO, 2007).

A história da civilização ocidental exalta e mantém no centro de sua teorização, o dualismo hierárquico que despreza o corpo humano, considerando o corpo feminino pecaminoso, culpando Eva e todas as mulheres subsequentes, pela queda do homem, pelo pecado original e tudo mais. (*Ibidem*, p.33)

Mulheres continuam tendo restrições a oportunidades que propiciem seu desenvolvimento motor, social e psicológico, vinculando à imagem feminina características como: fragilidade, docilidade, delicadeza, entre outras. Em contra partida, os homens são antagonicamente estimulados à vivência de atividades práticas com maior variabilidade, que proporciona um maior desenvolvimento de características como a força, agressividade e virilidade, entre outras. Percebe-se que características como delicadeza e fragilidade 'inerentes' à mulheres e virilidade e agressividade essencialmente 'naturais' aos homens são desenvolvidas por ferramentas sociais, contrariando conhecimentos que convergem para sua determinância biológica, ou seja, sexual.

A história tem mostrado que o sexo serviu de suporte para a organização social e para construção de valores. Essa valorização do aspecto biológico foi decisiva para a instalação da hegemonia masculina, que se manifestou em todas as dimensões da existência humana, inclusive no desenvolvimento da ciência. (PEREIRA, 2005, p.206)

Tal contexto torna-se fundamental na perpetuação do mito da fragilidade feminina e sua posterior subordinação aos homens.

Mulheres continuam sendo, direcionadas à ocupação do espaço privado e homens à ocupação do espaço público, por exemplo: elas são condicionadas desde o início das suas vidas a desempenhar funções domésticas, diferentemente dos homens, que são educados para serem os chefes da família. Também as meninas são incentivadas a brincarem próximas ao seio da família, enquanto aos meninos são concedidas mais oportunidades de aventura e descobertas fora do ambiente doméstico, ou seja, no espaço público. Dentro desse conceito, notamos que se concedeu ao homem o trânsito pelos mais diversos meios, um deles é o ambiente onde se configura a prática esportiva.

A idéia de que, por natureza, o homem pertence ao mundo exterior e a mulher ao mundo interior e que existe uma superioridade de um sexo sobre o outro vem impregnando fortemente muitas gerações. As idéias difundidas e reforçadas pela teoria do patriarcado, pela Igreja e até mesmo pela educação, contribuíram fortemente para que isso acontecesse. A Igreja apresentando um discurso religioso e pregando os méritos de que ser professora seria a profissão ideal para as mulheres, pois, tal profissão eqüivalia ao papel de ser mãe, considerando o magistério como uma consequência natural da mulher. (CATHARINO, 2007, p.39)

A biologia fundamentava, teoricamente, a idéia de inferiorização feminina, afirmando seu papel de procriação e suas funções maternas, sua identidade estava altamente limitada ao ambiente familiar. SIMÕES (2003), afirma que: “As evidentes diferenças biológicas e anatômicas entre homens e mulheres estariam culturalmente associadas às idéias de fragilidade física feminina e grandeza física do homem” (p.2).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nas análises feitas, a partir dos relatos das crianças, as adjetivações evocadas pelas mesmas a respeito de seus corpos foram criadas categorias como: corpo estético, saudável, estético e saudável, padronizado, pleno.

Entre os meninos percebe-se que a categoria mais recorrente foi o ‘corpo estético’, contabilizando 57,14% da amostra. É importante salientar que nessa categoria apareceram adjetivações tanto positivas, no qual o corpo é percebido e valorizado a partir de seus aspectos positivos; quanto negativas, indicando a percepção e valorização de elementos negativos do seu corpo, porem com a ocorrência de somente uma negativa, no qual uma criança se classificou como ‘feia’. As adjetivações corporais positivas mais apontadas foram: bonito (7) e Atlético (6).

A partir dos dados analisados percebe-se que 3 categorias foram as menos incidentes entre os meninos, são elas o corpo entendido em seu caráter ‘pleno’, ‘estético e saudável’, ‘somente saudável’, ‘padronizado’; ambas as classificações obtiveram 3,57% de incidências. Dentro dessas classificações destaca-se o aparecimento do corpo ‘pleno’, como a interpretação corporal de referencia para o estudo, já que a mesma esta fundamentada em um aspecto corporal sistemático, no qual a alma não é percebida de forma dicotomizada do corpo físico.

A categoria ‘corpo padronizado’ teve 17,85% de incidências, indicando que, possivelmente, tais crianças percebem seu corpo obedecendo a um conjunto de normas sociais vigentes socialmente e concomitantemente, seus discursos convergem em favor da segregação corpo e alma, no qual o corpo é pouco valorizado em detrimento a mente. Torna-se importante destacar que na amostra dos meninos 14,28% deles, possivelmente, não souberam como adjetivar seus corpos deixando as questões sem respostas.

Já entre as meninas, a categoria mais indicada é o ‘corpo estético’ com 58,33%. Assim como os meninos, as meninas se auto perceberam a partir de adjetivações positivas e negativas. As adjetivações positivas mais evocadas foram: bonita (8) e linda (2). Já entre as adjetivações negativas somente uma foi citada, porem com um maior numero de incidências se comparada com a amostra masculina, 4 meninas se adjetivaram como feias. O que automaticamente provoca uma reflexão sobre a diferenciação das cobranças estéticas entre homens e mulheres, nos remetendo aos estereótipos sexuais estimulados diferentemente entre meninos e meninas na infância, através de imposições sociais que normatizam que mulheres devem se preocupar mais com a beleza do que os homens.

A categoria ‘corpo padronizado’ recebeu 4,34% de indicações por parte das meninas, levando a entender que seus corpos então dentro da ‘normalidade’ de padrões preestabelecidos. Observa-se também que 8,68% da amostra não responderam, quando

questionadas, sobre as adjetivações corporais próprias. Numero relativamente próximo dos resultados obtidos pelos meninos. Finalmente, o corpo somente 'saudável', 'saudável e estético' foram evocadas por 13,04% da amostra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desses fatos, percebe-se que, historicamente, oportunidades de desenvolvimento corporais plenos e vivencias motoras são negadas ao sexo feminino em detrimento ao modelo social utilizado para estimular o maior numero e melhor qualidade de vivencias motoras masculinas. Conseqüentemente, acredita-se que mulheres e homens possuem um relação diferenciada com seu corpo, já que a relação do individuo com a sociedade pode variar de acordo com seu sexo e acredita-se que diretamente ligado a esse fator esta a percepção corporal de cada pessoa.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- MATOS, Auxiliadôra Aparecida; LOPES, Maria de Fátima. Corpo e gênero: uma análise da revista TRIP para a mulher. **Estudos feministas**. Florianópolis, 2008.
- BARROS, Daniela Dias. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, v. 12, n. 2, p. 547-54, 2005.
- SILVA, Ana Márcia. A natureza da *physis* humana. *in*: SOARES, Carmem Lúcia. (org). **Corpo e História**. São Paulo: Autores associados, 2001.
- TAVARES, Maria da Consolação G. C. F. **Imagem corporal: conceito e desenvolvimento**. Barueri, SP: Manole, 2003.
- CAMPAGNA, Viviane Namur; SOUZA, Audrey Setton Lopes de. Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina. **Boletim de psicologia**. V.LVI, n.124, 2006.
- SOUSA, Eustáquia Salvadora; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na Educação Física escolar. **Caderno Cedes**. Ano XIX, n.48, 1999.
- STREY, Marlene Neves; PAIM, Maria Cristina Chimelo. Percepção do corpo da mulher que joga futebol. **Lecturas: EF y deportes (revista digital)**. Ano 10, n.84. Buenos Aires, 2005.
- CATHARINO, Rejane conceição Arruda e silva. **A imagética dos livros didáticos nas relações de gênero e educação ambiental**. Dissertação de mestrado em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso. Cuiabá-MT, 2007.
- SIMÕES, Antonio Carlos. A mulher em busca de seus limites no esporte moderno. *In*: SIMÕES, Antonio Carlos (org). **Mulher e esporte: mitos e verdades**. São Paulo: Manole, 2003, 245 p.
- GRACIANO, M. Aquisição de papéis sexuais na infância. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.25, p.29-98, junho, 1978.
- PEREIRA, Sissi Aparecida Martins; MOURÃO, Ludmila. Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos. **Revista Motriz**. Rio Claro, v.11 n.3, p.205-210, 2005.

Dados do autor principal:

Bruno Souza Prestes da Silva.

Rua João Emilio da Cas, 53, Vila Santa Isabel, cep 27522-080, Resende-RJ, Brasil.

Brunop.ufrj@gmail.com

(24) 3354-7906 / (21) 8295-3933